

# Um brevíssimo olhar sobre a Literatura de Timor

Texto de João Paulo T. Esperança, publicado em duas partes no *Várzea de Letras*, Suplemento Literário mensal do jornal *Semanário*, nº 3 [4] e nº 4 [5], Junho e Julho de 2004

A versão em tétum foi publicada no *Várzea de Letras*, Suplemento Literário mensal do jornal *Semanário*, nº 8, Setembro de 2004

Ambas as versões foram incluídas na colectânea:

*O que é a lusofonia/ Saida maka luzofonia* / J. P. Esperança *et al.* . – Díli: Instituto Camões, 2005 . – VIII+163 p. [colectânea bilingue – português e tétum – de textos vários]

Antes de mais um esclarecimento se impõem. Porquê literatura “de Timor” e não “timorense”? É que não pretendo limitar-me aqui aos autores nacionais, mas sim incluir também um pouco daquilo que há para ler de naturais de outras paragens que tenham tomado Timor como tema literário. Não me irei debruçar sobre as recolhas de literatura oral e tradicional, tema que guardarei para outra oportunidade. Não quero, no entanto, deixar de chamar a atenção para o facto de que muito poucas das que foram até hoje publicadas são realmente merecedoras deste rótulo. Uma recolha feita com critérios científicos tem como um dos seus princípios base o reconhecimento da existência de múltiplas versões do mesmo “texto”, as quais devem ser registadas da forma mais fiel possível ao que foi realmente enunciado pelos informantes. O registo na língua original é condição absolutamente essencial. Só depois se pode partir para uma análise minimamente credível. Uma das obras que se aproxima deste método é *Textos em Teto da Literatura Oral Timorense*, publicada em 1961 pelo Pe Artur Basílio de Sá (1), apesar de o texto em tétum térique das lendas ter sido depurado e fixado pelos mestres-escola Paulo Quintão e Marçal Andrade. Também merecedora de destaque é a compilação (sem aparato crítico) *The book of the Story Teller* (2), dado à estampa na Austrália em 1995, na qual apenas o título e algumas notas introdutórias estão em inglês, mantendo-se nos textos em tétum as expressões e repetições características da performance oral do contador de histórias. A grande maioria das restantes colectâneas da arte verbal dos timorenses é afinal uma reformulação mais ou menos literária, inspirada na tradição, mas recriada numa outra língua.

Antes da chegada dos portugueses a Timor, no início do século XVI, já outros povos visitavam estas costas para fazer comércio de sândalo, essencialmente chineses, malaios e javaneses. Dado que os povos de Timor não conheciam a escrita, foram estes estrangeiros os primeiros a deixar breves apontamentos sobre a ilha e os seus habitantes. Foram os portugueses, porém, que começaram a estabelecer-se permanentemente, principalmente através de missionários católicos, séculos antes da efectiva ocupação colonial do território. Gradualmente viriam a aparecer monografias, memórias, dicionários e livros de orações em línguas locais, da autoria de religiosos, militares, administradores, viajantes e deportados. Um dos mais conhecidos é *A ilha Verde e Vermelha de Timor*, de Alberto Osório de Castro, primeiro publicado na revista *Seara Nova*, em Junho de 1928 e Junho de 1929, e depois, em livro, pela Agência Geral das Colónias, em 1943. Recentemente foi reeditado pela Cotovia (3). Trata-se de um peculiar livro de viagens, escrito em prosa poética, cheio de informações exaustivas sobre a ilha, a sua natureza e as suas gentes. Um pequeno volume de Paulo Braga, *A Ilha dos Homens Nus* (4), é digno de nota pela forma como o autor faz a descrição do Ataúro visto (recriado?) pelos seus olhos idealistas: uma sociedade tradicional libertária, sem exploração do homem pelo homem, onde impera o amor livre. A época do colonialismo fez surgir também um tipo de ficção a que chamamos hoje “literatura colonial”, que na definição clássica de Pires Laranjeira é aquela que é “escrita e publicada, na maioria esmagadora, por portugueses de torna-viagem, numa perspectiva de exotismo, evasionismo, preconceito racial e reiteração colonial e colonialista, em que a visão de mundo, o foco narrativo e as personagens principais eram de brancos, colonos

ou viajantes, e, quando integravam os negros, eram estes avaliados superficialmente, de modo exógeno, folclórico e etnocêntrico, sem profundidade cultural, psicológica, sentimental e intelectual” (5). Em Timor, um bom representante deste género é *Caiúru*, de Grácio Ribeiro (6). Novela de pendor autobiográfico, conta-nos as aventuras e desventuras de um jovem comunista deportado por actividades políticas contra o regime fascista em Portugal, que aqui vive um idílio amoroso com uma nona de nome Caiúru. Apesar de mostrar alguma simpatia com os condenados a trabalhos forçados e com os revoltosos de Manufahi, e de se orgulhar de, ao contrário dos camaradas, não espancar os criados, a sua situação privilegiada de branco fala mais alto do que as suas inclinações políticas, e hei-lo a tomar atitudes de senhor todo poderoso dos destinos do seu semelhante autóctone. O livro constitui um interessante documento sociológico, que nos mostra aspectos da realidade da época, nomeadamente como se processava a compra de uma nona – que lhe custou mais barata do que o cavalo que também adquiriu. As nonas são assunto recorrente da literatura escrita por metropolitanos, talvez por constituírem um dos lados da sociedade local com que mais de perto interagem, representando assim as moças para os seus companheiros expatriados um papel de janela para o mundo timorense. Grácio Ribeiro retoma o tema da vida dos deportados políticos num romance publicado posteriormente (7).

Já integrado na corrente da literatura pós-colonial, e fortemente crítico dos males do colonialismo, destaco *Corpo colonial* (8), “um romance profundamente feminino, que nos conta o percurso de Alitia, mulher de um alferes miliciano colocado em Timor, colónia distante e esquecida onde a guerra colonial não chegou e o tédio é o principal inimigo dos militares. Pode dizer-se que é um livro de leitura difícil, onde o desenrolar da narrativa é constantemente interrompido por longos monólogos filosóficos ou diálogos inverosímeis sobre questões existenciais, mas que nos oferece um interessante painel sobre a vivência das mulheres dos militares colocados naquela ilha entre a Ásia e a Oceânia e sobre a própria condição de ser mulher. É também um romance de desencanto, de traições e de vidas incompletas.”(9) O enredo anda em torno da aproximação entre a protagonista e Manucodiata, a jovem prostituta timorense que o seu marido frequenta, e dá conta de uma realidade nova nas relações entre os metropolitanos e algumas mulheres locais: “Antigamente, os brancos barlaqueavam as nonas. Depois da vinda da tropa contentam-se em dar dinheiro para abaixar o sarão” (RUAS, 1981:16). Um livro de sinal completamente oposto ao da literatura colonial é *Uma deusa no “inferno” de Timor*, de Francisco A. Gomes (10). Este livro pertence ao que poderíamos chamar uma “literatura de remorso”, cheio de referências depreciativas a tudo o que seja português e de personagens timorenses (principalmente mulheres) revolucionárias cheias de seguidores, completamente anacrónicas, fantasistas e desenquadradas do que era a realidade histórica e social local nas épocas em se situa a acção. Retomando uma vez mais o velho tema, temos *A nona do Pinto Brás (Novela Timorense)* (11). Uma pequena novela, ambientada nos anos que precedem o fim da administração colonial portuguesa, cujo autor demonstra um conhecimento mais profundo da cultura e história timorenses, ainda que na narrativa praticamente só nos seja dado a conhecer o ponto de vista dos magalas sobre o que vai acontecendo – quase nada ficamos a saber afinal sobre Joaquina Mêtan, a sua maneira de ver o mundo, as suas reais emoções e relações sociais, para lá da sua existência enquanto nona de um malai. O livro é assinado por Filipe Ferreira, mas o estilo da escrita leva-me a formular a hipótese de que este seja o nome literário escolhido pelo grande historiador de Timor e da presença portuguesa na Ásia, Luís Filipe F. R. Thomaz.

Saltemos de seguida para o mundo da poesia, agora da pena de autores timorenses. Destes o mais representativo será talvez Fernando Sylvan, pseudónimo literário de Abílio Leopoldo Motta-Ferreira. Tendo sido levado para Portugal ainda criança, jamais perdeu a identificação afectiva com a sua terra natal, motivo constante da sua poesia, a par com temas mais universais como a celebração do amor e da mulher amada. Intelectual empenhado, ocupou durante bastantes anos o cargo de Presidente da Sociedade da Língua Portuguesa. O essencial da sua obra poética está reunido no livro *A Voz Fagueira de Oan Timor* (12). Faleceu no dia de Natal de 1993. Eis um pequeno texto, publicado então por Luís Cardoso (“Takas”) no *Kaibauk – Boletim de Informação Timorense* (13):

*“Fernando Sylvan  
ou O Silêncio das Palavras*

*Depois  
(mas só depois)  
os galos  
lutarão sem lâminas*

*Este é o poema dedicado a Xanana Gusmão. Fernando Sylvan era um poeta para quem as palavras e só as necessárias deviam ser ditas. Pois o silêncio não é o vazio das palavras. Mas, no dia 25 de Dezembro, quando todos procuravam as mais variadas palavras para saudarem o Nascimento do Menino, Fernando Sylvan calou-se. E o seu pequeno corpo curvou-se sob o peso do silêncio que, desta vez, tinha o peso de todas as palavras.*

*Do exílio, desde os tempos de menino e depois de décadas de ausência da ilha querida, fizeram com que ele próprio construísse com palavras ilhas que salpicavam o oceano do seu silêncio e tormento. Estudou o idioma português e usou a sua escrita como “ai-suak” para escavar até ao fundo das palavras onde procurava o que unia todas as línguas, entre as quais, a da sua infância.*

*Finalmente, no dia de todos os nascimentos, Fernando Sylvan deixou-se cair nos braços da mãe de todas as línguas: o silêncio ou a palavra muda.”*

Sylvan é um dos poetas timores incluídos na colectânea *Enterrem meu coração no Ramelau* (14), publicada em Luanda pela União de Escritores Angolanos, ao lado de José Alexandre Gusmão, Jorge Lautén, e outros menos dotados literariamente, que o tempo se encarregou de fazer esquecer. Dois casos na poesia timorense são representativos da literatura profundamente alinhada ideologicamente, Borja da Costa (incluído na colectânea da UEA), na esquerda revolucionária, e Jorge Barros Duarte (15), na direita reaccionária. O já citado José Alexandre Gusmão, mais conhecido por Xanana, actualmente Presidente da República, publicou em 1998 *Mar Meu – Poemas e pinturas* (16), escrito na prisão. Diz-nos o escritor moçambicano Mia Couto no prefácio: “*E naquelas páginas confirmei: pela mão de um homem se escreve Timor. Um livro de Xanana Gusmão não poderia ser apenas um livro. Por via da sua letra se supõe falar todo um povo, uma nação. Há ali não apenas poesia mas uma epopeia de um povo, um heroísmo que queremos partilhar, uma utopia que queremos que seja nossa.*” Esta primeira edição é bilingue, com tradução para inglês de Kirsty Sword e Ana Luísa Amaral; mais tarde surgiria uma nova edição, também bilingue, com apoio do Instituto Camões, traduzida para tétum por Luís Costa. João Aparício é outro nome a reter, com dois livros de poemas publicados pela Caminho, *À janela de Timor* (17) e *Uma casa e duas vacas*. Um outro, sob o pseudónimo Kay Shaly Rakmabeau, foi publicado pela Real Associação de Braga, com o título *Versos do Oprimido* (18). Abé Barreto, que na sequência do massacre de Santa Cruz, aproveitou a presença no Canadá num programa de intercâmbio de estudantes universitários para pedir asilo político, e que veio a distinguir-se como cantor de intervenção ao lado do activista canadiano Aloz MacDonald, publicou na Holanda em 1995 *Menari Mengelilingi Planet Bumi* (Dançando à volta do Planeta Terra), poesia em língua indonésia, e em 1996, na Austrália, *Come with me singing in a choir*. Há outros jovens autores timorenses que se têm expressado poeticamente, alguns com livros já publicados, outros com colaboração dispersa por jornais e boletins diversos. Cito dois: Crisódio Araújo e Celso Oliveira. Um poeta que, ainda que português, se salienta pela sua identificação e proximidade espiritual com Timor e os timorenses, além da qualidade literária dos seus escritos, é Ruy Cinatti. Poeta, agrónomo, antropólogo, botânico, a sua obra é vasta e conhecida, incluindo os títulos *Não Somos Deste Mundo* (1941), *Poemas Escolhidos* (1951), *O Livro do Nómada Meu Amigo* (1966), *Sete Septetos* (1967), *Borda d’Água* (1970), *Uma Sequência Timorense* (1970), *Cravo Singular* (1974), *Timor – Amor* (1974), *O A Fazer, Faz-se* (1976), *Poemas* (1981), *Manhã Imensa* (1982), e *Um Cancioneiro para Timor* (1996).

São escassos os escritores timorenses a dedicarem-se ao romance. Ponte Pedrinha, pseudónimo literário de Henrique Borges, é autor de *Andanças de um Timorense*, publicado em 1998 pelas Edições Colibri (19). O poeta moçambicano José Craveirinha escreve no prefácio: “*Mágoa imensa tão belo canto ter produzido este frágil texto. Frágil e modesto mas incontestavelmente sincero. Sincero e Grande!*”. Episódio crucial na estrutura da narrativa é o desrespeito por parte do jovem casal Kotená e Kêti-Kia, de uma antiga tradição dos atáuros, segundo a qual a noiva na noite de núpcias devia partilhar o leito não do seu marido mas de um tio deste. O mesmo costume é referido pelo Padre Jorge Barros Duarte: “*Decorridos dois ou três dias sobre a fase preliminar, a mãe do noivo vai buscar a noiva a casa dos pais desta e leva-a para casa do noivo. É nesta fase que o irmão mais novo do pai do noivo roi tada («experimenta» intimamente, i.e. desflora) a noiva.*” (20). Numa posição de relevo, temos finalmente Luís Cardoso, o mais genial dos autores timorenses, com três romances publicados, além de colaboração dispersa por vários jornais e revistas. *Crónica de uma travessia – A época do ai-dik-funam* (21) é um relato autobiográfico que acompanha a história recente de Timor e uma série de travessias quer físicas quer interiores na vida do narrador e do seu pai, tudo a acontecer num universo mágico que em Timor impregna também a História, ou a percepção que as pessoas têm da História. *Olhos de Coruja, Olhos de Gato Bravo* (22) entra mais fundo nesse mundo do fantástico, e vai à procura de mitos fundamentais do imaginário colectivo timorense, como os que rodeiam a revolta de Manufahi. *A última morte do Coronel Santiago* (23) maneja habilmente as técnicas narrativas enquanto vai contando as aventuras de figuras que incluem um escritor *alter ego* do autor, apaixonado pela personagem feminina principal do último romance deste. O maravilhoso e o fantástico do sobrenatural timorense fundem-se com a ironia típica de Luís Cardoso e com referências abundantes aos ambientes, obras e referências de uma certa intelectualidade de esquerda europeia e moderna.

Saindo novamente da esfera da produção nativa, dois livros mais merecem ser aqui mencionados, dentro do que podemos denominar de “literatura de denúncia”. *Saksi Mata* (24) (Testemunha Ocular) é um conjunto de contos ambientados no Timor da época da repressão indonésia, escritos por Seno Gumira Ajidarma, um dos autores mais significativos da geração mais recente da literatura indonésia. Os contos foram sendo publicados em jornais daquele país, depois de Ajidarma ter sido demitido das funções que exercia na revista *Jakarta Jakarta* por ter noticiado o massacre de 12 de Novembro de 91. Uma pequena editora, a Bentang Budaya, fez sair a primeira edição em livro em 1994. A obra vai ser brevemente publicada em tétum pela Timor Aid, com tradução de Triana Oliveira. Estou a traduzi-la também para português, mas ainda sem editor à vista. Um outro volume digno de atenção é *A redundância da coragem* (25) de Timothy Mo, publicado originalmente em inglês em 1991. O autor, filho de mãe inglesa e pai cantonês, consegue descrever admiravelmente a sociedade timorense dos últimos tempos da administração portuguesa, os primeiros anos da guerra no mato, e a vida dos que depois se renderam ou foram capturados, tudo isto pela boca sarcástica do narrador Adoph Ng, um chinês timorense, homossexual e homem do mundo algo deslocado na sua terra natal, já que o pai o tinha mandado fazer os estudos universitários em Toronto, no Canadá.

A literatura escrita por timorenses tem sido, com poucas excepções, fundamentalmente em língua portuguesa, veículo de afirmação de resistência, identidade e nacionalidade. Creio que a geração actual, que se vai libertando da pressão cultural dos anos passados a decorar o *Pancasila* em indonésio, não tardará a fazer nascer também uma literatura pujante de vida e de novidade em tétum. Vamos lendo e vendo...

<sup>1</sup> SÁ, Artur Basílio de [ed. crítico] – *Textos em Teto da Literatura Oral Timorense*, vol.1, Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar/ Centro de Estudos Políticos e Sociais, 1961

<sup>2</sup> PEREIRA, Agio [compilador] – *Timor: The book of the Story-Teller*. Cabramatta (Austrália), Timorese Australian Council, 1995

<sup>3</sup> CASTRO, Alberto Osório de – *A ilha verde e vermelha de Timor*. Lisboa, Livros Cotovia, 1996

<sup>4</sup> BRAGA, Paulo – *A ilha dos homens nus*. Lisboa, Editorial Cosmos, 1936

- <sup>5</sup> LARANJEIRA, Pires – *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*. Lisboa, Universidade Aberta, 1995, p. 26
- <sup>6</sup> RIBEIRO, Grácio – *Caiúru*. Lisboa, Coleção «Amanhã», 1939
- <sup>7</sup> RIBEIRO, Grácio – *Deportados*. s.l., edição de autor (?), 1972
- <sup>8</sup> RUAS, Joana – *Corpo colonial*. Coimbra, Centelha, 1981
- <sup>9</sup> ESPERANÇA, J.P. – *Uma leitura lilás de Corpo colonial de Joana Ruas*, in: «Revista Lilás», Amadora, (29), Dez. 2000, p. 15-29
- <sup>10</sup> GOMES, Francisco A. – *Uma deusa no “inferno” de Timor*. Braga, Ed. do autor, 1980
- <sup>11</sup> FERREIRA, Filipe – *A nona do Pinto Brás (Novela Timorense)*. Lisboa, ERL-Editora de Revistas e Livros, 1992
- <sup>12</sup> SYLVAN, Fernando – *A voz fagueira de Oan Timor*. Lisboa, Colibri, 1993
- <sup>13</sup> “TAKAS”, Luís – *Fernando Sylvan ou O Silêncio das Palavras*. «Kaibauk – Boletim de Informação Timorense», Linda-a-Velha, 1(7), Jan-Fev 1994, p. 14
- <sup>14</sup> UNIÃO DOS ESCRITORES ANGOLANOS – *Enterrem meu coração no Ramelau – Poesia de Timor-Leste*. Luanda, 1982
- <sup>15</sup> DUARTE, Jorge Barros – *Jeremiada*. Odivelas, Pentaedro, 1988
- <sup>16</sup> GUSMÃO, Xanana – *Mar Meu – Poemas e Pinturas / My Sea of Timor – Poems and Paintings*. Porto, Granito, 1998
- GUSMÃO, Xanana – *Mar Meu – Poemas e Pinturas / Tasi Ha’un – Dadolin no Taturik*. Porto, Granito/Instituto Camões, 2003
- <sup>17</sup> APARÍCIO, João – *À janela de Timor*. Lisboa, Caminho, 1999
- <sup>18</sup> RAKMABEAN, Kay Shaly – *Versos do Oprimido*. Braga, Real Associação de Braga, 1995
- <sup>19</sup> PEDRINHA, Ponte – *Andanças de um timorense*. Lisboa, Colibri, 1998
- <sup>20</sup> DUARTE, Jorge Barros – *Timor – Ritos e Mitos Ataúros*. Lisboa, ICALP, 1984, p. 49
- <sup>21</sup> CARDOSO, Luís – *Crónica de uma travessia – A época do ai-dik-funam*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1997
- <sup>22</sup> CARDOSO, Luís – *Olhos de Coruja, Olhos de Gato Bravo*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2001
- <sup>23</sup> CARDOSO, Luís – *A última morte do Coronel Santiago*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2003
- <sup>24</sup> AJIDARMA, Seno Gumira – *Saksi Mata, cetakan keempat*. Yogyakarta, Yayasan Bentang Budaya, 2002
- <sup>25</sup> Mo, Timothy – *A redundância da coragem*. Lisboa, Puma Editora, 1992

### Haree liu de’it ba Literatura kona-ba Timór

Testu husi João Paulo T. Esperança, tradusaun ba tetun husi João Paulo T. Esperança, Clara Viegas da Silva, Icha Bossa i Irta Araújo; Publika tiha iha *Várzea de Letras*, Suplemento Literário mensal do jornal *Semanário*, nº 8, Setembro de 2004

Versaun ho lia-portugés publika tiha iha parte rua iha

*Várzea de Letras*, Suplemento Literário mensal do jornal *Semanário*, nº 3 [4] e nº 4 [5], Junho e Julho de 2004

Versaun rua (port. no tetun) inklui mós iha koletânea:

*O que é a lusofonia/ Saida maka luzofonia / J. P. Esperança et al . – Díli: Instituto Camões, 2005 . – VIII+163 p. [koletânea bilinge – portugés no tetun – ho testu oiain]*

Molak buat seluk, ami tenke esplika tanba sá maka ami temi literatura “kona-ba Timór” no la’ós literatura “Timór nian”? Ne’e tanba ami sei la ko’alia de’it kona-ba hakerek-na’in timoroan, maibé sei inklui mós informasaun balu husi buat hirak ne’ebé iha atu lee husi malae sira ne’ebé foti Timór nu’udar asuntu literáriu. Ami sei la estuda iha-ne’e kona-ba rekolla literatura orál no tradisionál, asuntu ida-ne’e ami sei rai ba oportunidade seluk. Maski hanesan ne’e, ami hakarak temi iha-ne’e katak rekolla ladún barak husi sira ne’ebé ema halo tiha ona maka merese klasifikasaun ida-ne’e. Rekolla ne’ebé halo tuir kritériu siénsia nian iha prinsípiu báziku katak “testu” ida sempre iha versaun barak, no versaun ida-idak tenke hetan rejistu ne’ebé loos no tuir duni saida maka informante sira hateten. Tenkesér duni rejistu iha nia lian orijinal.

Hafoin de'it maka bele halo análize ne'ebé loos. Livru ida ne'ebé kuaze tuir métodu ida-ne'e maka *Textos em Teto da Literatura Oral Timorese*, ne'ebé publika iha 1961 husi Amu-Lulik Artur Basílio de Sá (1), maski mestre-eskola Paulo Quintão no Marçal Andrade hakerek no hafutar testu ho tetun-terik ai-knanoik sira-nian. Ami mós tenke temi kompilasaun (lahó aparatu krítiku) *The book of the Story Teller* (2), ne'ebé sai iha Austrália iha 1995, no só nia títulu no lia-maklokek balu de'it maka hakerek ho inglés, no istória sira hakerek nafatin iha tetun no la lakon liafuan no espresaun oioin ne'ebé lian-na'in sira uza bainhira sira konta istória. Maioria husi “koletânea” sira seluk husi arte verbál timoroan sira-nian afinál nakfíla ba testu maizomenus literáriu ne'ebé, maski nia abut iha tradisaun, sai ona buat foun ida, rekriasaun iha lian seluk.

Molok portugés sira to'o mai Timór, bainhira sékulu XVI hahú, povu sira seluk mai ona vizita ita-nia tasi-ibun hodi sosa ai-kameli, liuliu ema-Xina, ema-malaiu no ema-Java. Tanba povu sira Timór nian iha tempu ne'ebá seidak hatene hakerek, malae sira-ne'e maka komesa hakerek apontamentu balu kona-ba illa ne'e no ema rain-na'in. Maibé portugés sira maka hahú hela metin iha-ne'e, liuliu amu-lulik katóliku sira, sékulu balu molok okupasaun koloniál loloos tama iha rain ne'e. Neineik-neineik mosu monografia, livru-memórias, disionáriu, livru ho orasaun iha lian oioin Timór nian, husi hakerek-na'in hanesan amu-lulik, militar, administradór, ema lemo-rai no deportadu sira. Ida ne'ebé famozu liu maka *A ilha Verde e Vermelha de Timor*, husi Alberto Osório de Castro, ne'ebé publika dala uluk iha revista Seara Nova, iha fulan-Juñu 1928 no fulan-Juñu 1929, no depois, nu'udar livru, husi Agência Geral das Colónias, iha 1943. Foin daudaun publika fali husi Livros Cotovia (3). Ne'e livru kona-ba viajen, la hanesan baibain, hakerek ho proza poética, nakonu ho informasaun barak kona-ba illa ne'e, nia natureza no nia emar. Livru ki'ikoan husi Paulo Braga, *A Ilha dos Homens Nus* (4), dada ita-nia atensaun tanba hakerek-na'in hatudu Ataúru haree (rekria?) husi nia matan idealista: sociedade tradisionál libertária ida, laiha esplorasau husi mane ba mane, ne'ebé ema halo de'it “domin-livre”. Otas kolonializmu nian halo mosu mós fiksaun oin ida ne'ebé agora ne'e daudaun ita hanaran “literatura koloniál”, ne'ebé tuir definisaun klásika husi Pires Laranjeira maka ida ne'ebé “*hakerek no publika, kuaze hotu-hotu, husi portugés sira ne'ebé fila fali ba Portugál, uza pontudevista husi ezotizmu, evazionizmu, hatún rasa sira seluk (hanesan ema-metan), fô-apoiu ba ideia no prátika kolonialista, ne'ebé haree ba mundu no ba situasaun oioin liuhosi malae-mutin sira-nia matan, no personajen importante liu mós malae-mutin hotu, balu kolonu balu ema lemo-rai, no, bainhira ema-metan tama iha istória, narradór haree liu de'it ba sira, hatudu sira nu'udar buat ida estrañu, folklóriku, fuik, no la konsidera sira nu'udar ema ho kultura rasik, ho sira-nia psikolojia, sentimentus no kakutak*” (5). Iha Timór, representante di'ak ida husi jéneru ida-ne'e maka *Caiúru*, husi Grácio Ribeiro (6). Novela ho estilu autobiográfiku, konta aventura oioin husi joven komunista ida ne'ebé hetan deportasaun mai Timór tanba halo atividade polítika hasoru rejime faxista iha Portugál, ne'ebé iha-ne'e hala'o istória-domin ida ho nia nona naran Caiúru. Maski nia hatudu simpatia ba ema ne'ebé hetan kondensaun ba serbisu todan no ba revoltozu sira husi Manufahi, no nia sente orgullu tanba nia la baku nia mainatu sira, la hanesan nia kamarada sira ne'ebé toman baku kriadu, maibé nia situasaun di'ak liu nu'udar ema-mutin halo nia haluha nia ideolojia política, no nia mós komesa halo hanesan na'i-boot ida ne'ebé bele deside kona-ba ema ki'ik rain-na'in nia vida. Livru ida-ne'e dokumentu sosiolójiku interesante tebes, ne'ebé hatudu aspetu oioin husi sociedade iha tempu ne'ebá, porezemplu oinsá maka nia sosa nona ida – ne'ebé nia folin baratu liu duké kuda ida ne'ebé nia mós sosa. Nona sira sai hanesan asuntu ne'ebé mosu beibeik iha literatura hakerek husi ema-metrópole sira, kala tanba nona sira hanesan parte husi sociedade iha-ne'e ke sira hakbesik liután, no feto-raan hirak-ne'e sai hanesan janela ba mundu Timór nian ba sira-nia “la'en” malae. Grácio Ribeiro sei hakerek tan kona-ba deportadu sira-nia moris iha romanse ida ne'ebé nia sei publika ikusmai (7).

Tama ona ba korrente literatura pós-koloniál, ho krítika maka'as ba kolonializmu nia hahalok aat, ami temi *Corpo colonial* (8), “*romanse femininu loos, ke konta dalan Alitia nian, alferes milisianu nia feen be tuir nia la'en mai Timór, kolónia ne'ebé dook to'o ema barak haluha tiha, fatin ne'ebé funu koloniál la to'o no militar sira-nia inimigu boot maka tédiu de'it (katak sira baruk tanba sira la iha buat ida hodi halo no sira-nia moris loroloron nian maten hela). Ita bele hateten katak ne'e livru ida susar atu lee, ne'ebé interrompe beibeik nia istória ho monólogo filozófiku naruk ka diálogo ne'ebé la hanesan realidade kona-ba kestaun ezistensiál oioin, maibé hatudu mós quadru interesante ida kona-ba tropa sira-nia feen ke hela iha illa ne'e iha Ázia no Oseania nia klaran no mós kona-ba kondisaun fetu nian. Ne'e mós romanse ida kona-ba lakon neon, traisaun no moris ne'ebé la haksolok no la kompletu.*” (9) Nia istória ko'alia kona-ba oinsá maka protagonista hakbesik ba Manucodiata, feto-raan prostituta timoroan ne'ebé Alitia nia la'en bá beibeik ho nia, no livru ne'e mós hatudu situasaun foun ida iha relasaun husi metropolitanu sira ho fetu balu iha-ne'e: “*Uluk, malae-mutin sira selu barlake hodi hola nona sira. Depoizde tropa sira mai sira fô de'it osan atu hatún lipa*” (RUAS, 1981:16). Livru ida ne'ebé kontráriu loos ba literatura koloniál maka *Uma*

*deusa no "inferno" de Timor*, husi Francisco A. Gomes (10). Livru ida-ne'e tama ba estilu ida ne'ebé ita bele hanaran "literatura arrendimentu nian", buka de'it atu hatún buat hotu ne'ebé Portugal nian no iha mós personajen timoroan barak (liuliu fetu) revolusionáriu ho ema barak mak tuir sira, maibé anakróniku (katak la tuir realidade tebes otas ne'ebá nian), inventa de'it no la haree ba situasaun istória no sosiál loloos iha tempu ne'ebé nia asaun la'o. Kaer fila fali asuntu uluk, ita hetan *A nona do Pinto Brás (Novela Timorese)* (11). Ne'e novela ki'ikoan ida ne'ebé hala'o nia istória iha tinan hirak ikusliu molok administrasaun koloniál portugés hotu, ne'ebé nia hakerek-na'in hatudu koñesimentu kle'an kona-ba kultura no Istória Timór nian, maski iha istória ne'e ita kuaze hetan de'it pontudevista husi tropa sira kona-ba saida maka akontese – ita ladún biban atu hatene buat ida kona-ba Joaquina Mêtan sé-loos, oinsá maka nia haree ba mundu ne'e, ninia sentimentus ka relasaun sosiál sira; ita koñese de'it nia moris nu'udar malae nia nona ida. Filipe Ferreira maka asina livru ne'e, maibé estilu hakerek nian halo ami hato'o ipóteze katak ne'e naran-literáriu ne'ebé Istoriadór Luís Filipe F. R. Thomaz hili. Istoriadór ne'e naran-boot no matenek-na'in kona-ba Istória Timór nian no prezensa portugés sira-nian iha Ázia.

Tuirmai ita haksoit tama ba mundu poezia nian, agora husi hakerek-na'in timoroan sira. Husi sira-ne'e ida ne'ebé importante liu maka Fernando Sylvan karik. Ne'e naran literáriu husi Abílio Leopoldo Motta-Ferreira. Maski nia bá hela metin iha Portugal bainhira sei labarik, nia laran nunka hadook husi nia rain-inan, ne'ebé sai beibeik asuntu ba nia poezia, hamutuk ho tema universál liu hanesan hahi'i domin ka fetu ne'ebé nia hadomi. Intelektuál badinas, durante tinan barak nia laran nia sai Prezidente *Sociedade da Língua Portuguesa* nian. Nia knaar poétiku kuaze hotu-hotu tau hamutuk iha livru *A Voz Fagueira de Oan Tímor* (12). Nia mate iha laron-Natál iha tinan 1993. Tuirmai iha testu ki'ikoan ida, ne'ebé Luís Cardoso ("Takas") publika iha momentu ne'ebá iha *Kaibauk – Boletim de Informação Timorese* (13):

*"Fernando Sylvan  
ka Liafuan Monok sira*

*Hafoin  
(maibé hafoin de'it)  
manu-aman sira  
sei luta lahó kro'at*

*Ne'e poema ne'ebé nia dedika ba Xanana Gusmão. Fernando Sylvan ne'e poeta ida ne'ebé sente katak nia tenke fô-sai duni liafuan, maibé liafuan sira ne'ebé mak presiza de'it. Tanba silénsiu la katak liafuan-laek ka liafuan mamuk. Maibé, iha laron- 25 fulan-Dezembri, bainhira ema hotu-hotu buka liafuan oioin atu hasé Labarik nia Moris, Fernando Sylvan nonook tiha. No ninia isin-lolon ki'ik foke ho silénsiu todan ne'ebé, dala ida-ne'e, todan hanesan liafuan sira hotu hamutuk.*

*Hela iha li'ur, hori tempu nia sei labarik no liutiha dékada barak ne'ebé nia dook husi nia illa doben, halo nia rasik harii ho liafuan illa hirak ne'ebé burit tasi-boot silénsiu no terus nian. Nia estuda lian portugés no uza ninia hakerek nu'udar "ai-suak (14)" atu ke'e kle'an to'o liafuan nia rohan atu buka saida maka halibur lian hotu-hotu, inklui mós lian husi ninia tempu labarik nian.*

*Ikusliu, iha laron ba moris hotu-hotu, Fernando Sylvan husik nia an monu ba liman husi lian sira hotu nia inan: silénsiu ka liafuan monok."*

Sylvan ne'e inklui mós iha koletánea husi poeta timoroan sira *Enterrem meu coração no Ramelau* (15), ne'ebé publika iha Luanda husi União de Escritores Angolanos, hamutuk ho José Alexandre Gusmão, Jorge Lautén, no sira balu tan ne'ebé hakerek ladún kapás, no tempu halo ita haluha sira-nia naran. Kazu rua iha poezia Timór nian ne'ebé representa loos literatura ne'ebé tama ba ideolojia política ruma nia laran maka Borja da Costa (inklui mós iha koletánea UEA nian), iha "karuk" revolusionária, no mós Jorge Barros Duarte (16), iha "kuanan" reasionária. Ami temi tiha ona José Alexandre Gusmão, ne'ebé ema koñese liu ho naran Xanana, agora ne'e daudaun Prezidente República nian, publika iha 1998 *Mar Meu – Poemas e pinturas* (17), ne'ebé hakerek bainhira nia dadur hela. Hakerek-na'in husi Mosambike Mia Couto dehan iha lia-maklokek: *No iha página hirak-ne'e ha'u konfirma: liuhosi mane ida nia liman maka hakerek Timór. Livru ida Xanana Gusmão nian la hanesan livru baibain. Liuhosi ninia letra ita sente katak povu ida tomak, nasaun ida, maka ko'alia. Iha-ne'ebá la'ós de'it poezia maibé iha mós epopeia povu ida nian, eroízmu ne'ebé ita hakarak koko, utopia ne'ebé ita hakarak atu sai ita-nian.* (18) Edisaun dahuluk ne'e publika ho lian rua, ho tradusaun ba lia-inglés husi Kirsty Sword no Ana Luísa Amaral; depois mosu edisaun foun ida, mós ho lian rua, ho tulun husi Instituto Camões, ne'ebé Luís Costa maka tradús ba tetun. João Aparício mós naran ida ne'ebé ita labele haluha, ho livru-poezia rua ne'ebé publika tiha ona husi Editorial Caminho, *A*

*janela de Timor (19)* no *Uma casa e duas vacas*. Ida tan, ho pseudónimu Kay Shaly Rakmabeau, publika husi Real Associação de Braga, ho títulu *Versos do Oprimido (20)*. Liutiha masakre iha Santa Krús, Abé Barreto aproveita nia prezensa iha Kanadá ho programa troka-malu ba estudante universitáriu sira, no nia husu azilu polítiku, depois nia sai kantór-intervensaun hamutuk ho ativista kanadianu Aloz MacDonald. Abé publika iha Olanda iha 1995 *Menari Mengelilingi Planet Bumi* (Dansa hale'u Planeta Terra), poezia ho lia-indonézia, no iha 1996, iha Austrália, *Come with me singing in a choir* (Mai ho ha'u kanta iha koru ida). Iha mós hakerek-na'in foin-sa'e timoroan seluk tan ne'ebé hato'o sira-nia sentimentus liuhosi poezia, balu publika tiha ona livru, balu ho poema namkari iha jornál no boletin oioin. Ami temi ema na'in-rua: Crisódio Araújo no Celso Oliveira. Poeta ida ne'ebé, maski nia ema-Portugál, hakbesik loos ba Timór no ba timoroan sira, nia hakerek kapás tebetebes, maka Ruy Cinatti. Poeta, agrónomu, antropólogo, botániku, ninia knaar belar no ema barak koñese ona, inklui livru hirak-ne'e: *Não Somos Deste Mundo (1941)*, *Poemas Escolhidos (1951)*, *O Livro do Nómada Meu Amigo (1966)*, *Sete Septetos (1967)*, *Borda d'Água (1970)*, *Uma Sequência Timorense (1970)*, *Cravo Singular (1974)*, *Timor – Amor (1974)*, *O A Fazer, Faz-se (1976)*, *Poemas (1981)*, *Manhã Imensa (1982)*, no *Um Cancioneiro para Timor (1996)*.

Hakerek-na'in timoroan ladún barak hala'o knaar hakerek romanse. Ponte Pedrinha, pseudónimu literáriu Henrique Borges nian, hakerek *Andanças de um Timorense*, ne'ebé publika iha 1998 husi Edições Colibri (21). Poeta mosambikanu José Craveirinha hakerek iha lia-maklokek: "*Tristeza boot katak hananu kmanek hanesan ne'e hamosu testu natoon ida-ne'e. Natoon no umilde maibé sinseru loos. Sinseru no Boot!*" (22). Epizódiu importante iha estrutura haktuir nian ne'e bainhira kazál joven Kotená no Kêti-Kia la respeita lisan antigu ema-ataúru sira-nian, tuir lisan ida-ne'e noiva iha kalan-kaben la hamutuk ho nia noivu maibé toba fali ho nia noivu nia tiu. Padre Jorge Barros Duarte mós konta kona-ba kostume ida-ne'e: "*Liu tiha loron rua ka tolu husi faze uluk, noivu nia inan ba bolu noiva iha nia inan-aman nia uma no lori nia ba noivu nia uma. Iha faze ida-ne'e maka noivu nia aman-ki'ik roi tada noiva («koko» intimamente, n.k. «ku'u nia ai-funan»).*" (23). Iha pozisaun aas liu, ita hetan Luís Cardoso, autór timoroan ne'ebé hakerek kapás liu hotu, publika tiha ona romanse tolu, aleinde kolabora iha jornál no revista oioin. *Crónica de uma travessia – A época do ai-dik-funam (24)* ne'e haktuir nia moris rasik no akompaña mós Istória ikusliu Timór nian no ko'alia kona-ba dalan oioin ne'ebé autór ho nia aman la'o, iha ita-nia rain, iha rain seluk no mós dalan iha sira-nia vida rasik. Buat hirak-ne'e hotu akontese iha mundu lulik ne'ebé iha Timór mós ukun Istória, ka ema sira-nia hanoin kona-ba Istória. *Olhos de Coruja, Olhos de Gato Bravo (25)* tama kle'an liután ba mundu lulik ida-ne'e, no nia bá buka mitu fundamentál povu Timór nian, hanesan sira ne'ebé ko'alia kona-ba revolta Manufahi nian. Iha *A última morte do Coronel Santiago (26)* nia uza didi'ak téknika haktuir nian enkuantu nia konta daudaun hahalok husi personajen oioin ne'ebé inklui mós hakerek-na'in ida *alter ego* husi autór, ne'ebé nia laran monu ba personajen fetu prinsipál husi autór nia romanse ikus. Majia no lulik husi fiar sobrenatural Timór nian kahur ho ironia típika husi Luís Cardoso, ne'ebé mós temi dala barak ambiente, livru no referéncias husi intelektuál balu husi karuk moderna Europa nian.

Sees dala ida tan husi área livru timoroan sira nian, iha livru rua ne'ebé ita tenke temi iha-ne'e, no ita bele hanaran nu'udar "literatura-denúnsia". *Saksi Mata (27)* (Sasin-Matan), istória-ki'ik lubun ida ne'ebé akontese iha tempu be Indonézia sei hanehan ita-nia rain, hakerek husi Seno Gumira Ajidarma, hakerek-na'in importante tebetebes iha jersaun ikusliu literatura Indonézia nian. Ajidarma publika uluk istória-ki'ik hirak-ne'e iha jornál oioin iha rain ne'ebá, liutiha boot sira hasai nia husi ninia serbisu iha revista *Jakarta Jakarta* tanba nia fó-sai notísias kona-ba masakre iha 12 Novembru 91. Editora ki'ikoan, Bentang Budaya, maka publika edisaun dahuluk nu'udar livru iha tinan 1994 nia laran. Timor Aid atu publika livru ida-ne'e iha lia-tetun, ho tradusaun husi Triana Oliveira. João Paulo Esperança mós tradús daudaun livru ne'e ba portugés, maibé seidauk iha editora. Livru ida tan ne'ebé dada ita-nia atensaun maka *A redundância da coragem (28)* husi Timothy Mo, ne'ebé publika orijinalmente iha lia-inglés iha 1991. Autór ne'e nia inan ema-Inglaterra no nia aman ema-Kantaun iha Xina. Nia consege konta loloos kona-ba sociedade Timór nian iha tempu ikusliu iha administrasaun portugeza, depois oinsá maka durante tinan balu populasaun barak hela iha foho no funu iha ai-laran hasoru invazór, no tuirmai kona-ba vida ba sira ne'ebé rende ka bapa sira kaptura. Buat hirak ne'e hotu haktuir husi narradór Adoph Ng nia lian ne'ebé uza beibeik lia-soen; nia ema-Xina timoroan, omoseksuál no mane husi mundu boot iha li'ur ne'ebé sente nafatin nu'udar malaik ida iha nia rain tanba nia aman haruka nia bá estuda iha universidade iha Toronto, iha Kanadá.

Literatura ne'ebé hakerek husi timoroan sira baibain uza de'it lia-portugés, uitoan de'it maka lae. Sira hatee katak rezisténsia, identidade no nasionalidade mós liuhosi lia-portugés. Ami fiar katak jersaun agora ne'e daudaun, ne'ebé hahú ona atu kore an husi presau kulturál ne'ebé hetan durante tinan barak

bainhira tenke dekór de'it *Pancasila* ho lia-indonézia, sei hamosu la kleur mós literatura foun ida buras iha lia-tetun. Ita sei lee no haree...

- <sup>1</sup> SÁ, Artur Basílio de [ed. kritiku] – *Textos em Teto da Literatura Oral Timorense*, vol.1, Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar/ Centro de Estudos Políticos e Sociais, 1961
- <sup>2</sup> PEREIRA, Agio [kompiladór] – *Timor: The book of the Story-Teller*. Cabramatta (Austrália), Timorese Australian Council, 1995
- <sup>3</sup> CASTRO, Alberto Osório de – *A ilha verde e vermelha de Timor*: Lisboa, Livros Cotovia, 1996
- <sup>4</sup> BRAGA, Paulo – *A ilha dos homens nus*. Lisboa, Editorial Cosmos, 1936
- <sup>5</sup> LARANJEIRA, Pires – *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*. Lisboa, Universidade Aberta, 1995, p. 26. (Tradusaun husi testu ki'ik ne'e ba lia-tetun ami maka halo).
- <sup>6</sup> RIBEIRO, Grácio – *Caiúru*. Lisboa, Coleção «Amanhã», 1939
- <sup>7</sup> RIBEIRO, Grácio – *Deportados*. s.l., edisaun autór nian (?), 1972
- <sup>8</sup> RUAS, Joana – *Corpo colonial*. Coimbra, Centelha, 1981
- <sup>9</sup> ESPERANÇA, J.P. – *Uma leitura lilás de Corpo colonial de Joana Ruas*, in: «Revista Lilás», Amadora, (29), Dez. 2000, p. 15-29
- <sup>10</sup> GOMES, Francisco A. – *Uma deusa no “inferno” de Timor*. Braga, Ed. autór nian, 1980
- <sup>11</sup> FERREIRA, Filipe – *A nona do Pinto Brás (Novela Timorense)*. Lisboa, ERL-Editora de Revistas e Livros, 1992
- <sup>12</sup> SYLVAN, Fernando – *A voz fagueira de Oan Timor*. Lisboa, Colibri, 1993
- <sup>13</sup> “TAKAS”, Luís – *Fernando Sylvan ou O Silêncio das Palavras*. «Kaibauk – Boletim de Informação Timorense», Linda-a-Velha, 1(7), Jan-Fev 1994, p. 14 (Tradusaun husi testu ki'ik ne'e ba lia-tetun ami maka halo).
- <sup>14</sup> Hakerek ho tetun iha testu orijinal
- <sup>15</sup> UNIÃO DOS ESCRITORES ANGOLANOS – *Enterrem meu coração no Ramelau – Poesia de Timor-Leste*. Luanda, 1982
- <sup>16</sup> DUARTE, Jorge Barros – *Jeremiada*. Odivelas, Pentaedro, 1988
- <sup>17</sup> GUSMÃO, Xanana – *Mar Meu – Poemas e Pinturas / My Sea of Timor – Poems and Paintings*. Porto, Granito, 1998  
GUSMÃO, Xanana – *Mar Meu – Poemas e Pinturas / Tasi Ha'un – Dadolin no Taturik*. Porto, Granito/Instituto Camões, 2003
- <sup>18</sup> Tradusaun husi testu ki'ik ne'e ba lia-tetun ami maka halo.
- <sup>19</sup> APARÍCIO, João – *À janela de Timor*. Lisboa, Caminho, 1999
- <sup>20</sup> RAKMABEAN, Kay Shaly – *Versos do Oprimido*. Braga, Real Associação de Braga, 1995
- <sup>21</sup> PEDRINHA, Ponte – *Andanças de um timorense*. Lisboa, Colibri, 1998
- <sup>22</sup> Tradusaun husi fraze hirak-ne'e ba lia-tetun ami maka halo.
- <sup>23</sup> DUARTE, Jorge Barros – *Timor – Ritos e Mitos Ataúros*. Lisboa, ICALP, 1984, p. 49 (Tradusaun husi testu ki'ik ne'e ba lia-tetun ami maka halo).
- <sup>24</sup> CARDOSO, Luís – *Crónica de uma travessia – A época do ai-dik-funam*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1997
- <sup>25</sup> CARDOSO, Luís – *Olhos de Coruja, Olhos de Gato Bravo*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2001
- <sup>26</sup> CARDOSO, Luís – *A última morte do Coronel Santiago*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2003
- <sup>27</sup> AJIDARMA, Seno Gumira – *Saksi Mata, cetakan keempat*. Yogyakarta, Yayasan Bentang Budaya, 2002
- <sup>28</sup> Mo, Timothy – *A redundância da coragem*. Lisboa, Puma Editora, 1992